

Drama de família que era toda Collor

Luiz Bettencourt — 9.8.89

*Filha de 11 anos
que 'brizolou'
causa terremoto*

Regina Barreiros

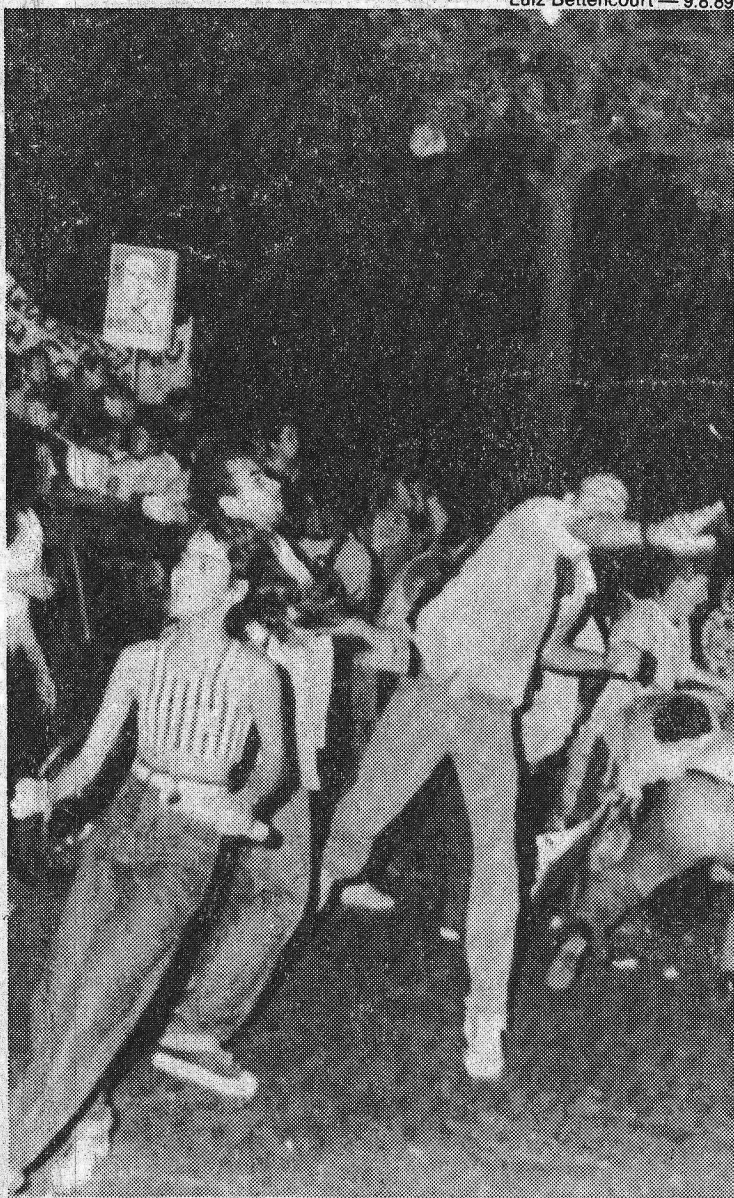
Foi um verdadeiro terremoto familiar para a prima de Fernando Collor de Mello, Lúcia Fátima Porto de Carvalho — o nome de solteira era Mello Porto —, 31 anos, deparar, no **JORNAL DO BRASIL** de ontem, com a fotografia da filha, Paola Alessandra, de 11 anos, segurando um cartaz de Leonel Brizola, entre os manifestantes que protestaram contra a presença de Collor na quarta-feira em Niterói: "Ela sabe muito bem que eu detesto o Brizola e jamais ia votar nessa desgraça. Estou arrasada", desabafou a mãe, que tentou comunicar-se durante todo o dia com o irmão, o juiz José Maria de Mello Porto, do Tribunal Regional do Trabalho, que está engajado na campanha de Collor.

Alagoana, extrovertida, os cabelos curtos oxigenados e enormes brincos de argolas douradas pendurados nas orelhas, Lúcia Fátima aplicou um duro castigo na filha pela aventura. Paola não vai ter mais a festa do aniversário de 12 anos, programada para o sábado da semana que vem, dia 19, com uma discoteca de embalo no Centro Comunitário, e para a qual já estavam convidados quase 30 amigos. Além disso, pelo menos até o fim do ano não poderá mais descer para brincar e jogar futebol no *playground* do Condomínio Vivendas Ícaro, Centro de Niterói, onde mora com a família. "Se eu soubesse que ia perder a festa, tinha ficado em casa" — confessou a menina.

Drama em família — "Uma nordestina porreta", como se autodenomina, Lúcia Fátima é filha do médico alagoano (já falecido) Abelardo Porto, irmão do senador Arnon de Mello, também já falecido, pai de Collor. E faz campanha aberta por Collor e contra Brizola. Até já brigou com fregueses brizolistas da butique em que trabalha como gerente, no Niterói Shopping. Os vidros das janelas do seu apartamento têm adesivos da campanha de Collor. O marido, José Eronardo Duarte de Carvalho, também alagoano, outro eleitor de Collor, é supervisor da Brahma e forçou todos os vidros do seu carro, um Voyage, com propaganda do candidato.

Imagine-se a surpresa de Lúcia quando foi acordada ontem por um telefonema de uma mulher dizendo-se do Juizado de Menores: "Sua filha fez uma coisa muito errada, de ir falar contra o Collor ontem", dizia a voz. A garota já estava no colégio — estuda na 5ª série do São Vicente de Paulo de Niterói. "Ficou maluca, passando trote a esta hora da manhã?", respondeu a mãe, até saber que o **JORNAL DO BRASIL** publicou a fotografia de Paola segurando a fotografia de Brizola e gritando contra Collor, defronte ao comitê do PRN que o candidato iria inaugurar em Niterói.

"Eu fiquei louca de raiva. Eu sou Collor e vou morrer Collor e essa danada me faz um negócio desses. Naquela hora nem parecia que era minha filha, parecia que deram uma lavagem cerebral nela", irritou-se — e telefonou para o marido no trabalho



Paola estava muito animada entre os brizolistas

contando o desastre. Também o pai pôs Paola de castigo por telefone, depois que ela chegou da escola. A menina tentou justificar-se com os pais dizendo que só pretendia ver Collor de perto. A amiga Taia Campos, de 13 anos, foi com a mãe e a levou para a manifestação. Até chegou a gritar "farsante", xingando Collor na porta do comitê, mas disse que foi porque a amiga pediu.

A desculpa, no entanto, não funcionou: "Então alguém manda você gritar e você grita? Que droga de mulher é você? Então você é filha de nordestina ou não é?", desafiou a mãe. A reação fez com que Paola se mostrasse arrependida da travessura e desse entrevista confessando que *collorista*: "Quem sabe eu não volto a brincar lá embaixo e ainda possa ter a minha festa?", disse candidamente.

O que deixou o sangue nordestino de Lúcia Fátima fervendo nas veias foi especialmente a imagem da filha segurando o cartaz com o retrato de Brizola. Na quarta-feira à noite, ao chegar do trabalho, já encontrou um quadro que prenunciava a tragédia. Paola estava dormindo, estirada no sofá, coberta pela foto de Brizola, exausta depois da aventura.

A mãe voou para cima dela: "O que é isso? Que retrato é este aqui dentro?". Sonolenta, a menina respondeu que depois explicaria tudo. Lúcia Fátima aceitou o adiamento da explicação da filha, mas não perdoou o cartaz: "Rasguei ele todo, cortei com a tesoura e joguei pela janela",

contou. Mal sabia que no dia seguinte Paola se converteria em notícia, empunhando o cartaz brizolista na manifestação contra Collor.

E para ela continua difícil engolir o desaforo da garota. O castigo não parece suficiente. Lúcia Fátima diz que está arrasada: "Sou Collor e seria Collor mesmo que ele não fosse meu parente. Acho ele um homem de luta, de garra. Dizem por aí que o Roberto Marinho está por trás dele, mas eu sei que é mentira" — chega a afirmar em sua paixão pelo candidato. Quanto à filha, se quiser de fato *brizolar*, não faz por menos: "Quer ser Brizola, vá. Mas lá longe. Aqui, não".

☐ O candidato do PRN desmentiu que seja parente da estudante Paola Alexssandra Porto de Carvalho, que durante a manifestação contra Collor, quarta-feira à noite em Niterói, carregava um cartaz com a foto de Leonel Brizola e se dizia prima em segundo grau de Fernando Collor. "Não conheço, nunca ouvi falar dessa moça", assegurou ele, ontem, em Brasília. A mãe da menina, Lúcia Fátima Porto de Carvalho, explicou, no entanto, que o candidato deve estar desinformado pela circunstância de nunca terem se encontrado: há 10 anos ela foi morar em Niterói e nunca frequentou a casa do tio, e pai de Collor, o senador Arnon de Mello, irmão do seu pai, o médico alagoano Abelardo Porto.